

Lucien Goldmann

A 'APOSTA' DO MARXISMO

Leandro Konder

Lucien Goldmann nasceu em Bucarest, na Romênia, em 1913. Sua biografia ainda não foi escrita, de modo que muita coisa da sua vida - intensa e movimentada - não é conhecida. Sabe-se, entretanto, que ele saiu cedo da Romênia, veio para a França, onde passou a viver numa situação de pobreza, estudando com afinco o pensamento de Marx e as teorias socialistas. Quando as tropas nazistas invadiram a França, ele precisou fugir para a Suíça, onde trabalhou como assistente do psicólogo Jean Piaget.

Segundo testemunho malicioso do Cesare Cases, Lucien Goldmann, na Suíça, era ajudado por moças bonitas que datilografavam para ele cópias de escritos de juventude de Georg Lukács, especialmente dos ensaios de "História e consciência de classe" (volume que se tornou uma raridade, depois que fora renegado pelo autor).

Seja como for, Goldmann se tornou um dos principais responsáveis, talvez o principal responsável pela revalorização da obra considerada "juvenil" de Lukács (quer dizer, dos textos lukácsianos publicados até 1922).

"A alma e as formas", coletânea de ensaios que Lukács publicou em 1911, forneceu a Goldmann elementos de que ele viria mais tarde a se servir em sua análise das obras de Pascal e Racine, no livro "O Deus escondido" ("Le Dieu Caché").

Da "Teoria do romance", que Lukács escreveu no começo da guerra de 1914-18, Goldmann extraiu a ideia de que entre a sociedade burguesa e a forma do romance existia uma homologia de estruturas.

Mas e de "História e consciência de classe" que derivam alguns dos conceitos mais importantes do marxismo goldmanniano. Goldmann, leitor atento de Lukács, desenvolve a teoria da "reificação" (ou coisificação), que dá conta da imposição pelo movimento das mercadorias de uma forma "objetiva" (de "coisa") às relações humanas, entre sujeitos.

Foi em "História e consciência de classe", também, que Goldmann foi buscar o conceito de "comunidade humana" que veio a utilizar em seus trabalhos. Sobre esse conceito ele se apóia para propor um esboço de história do pensamento dialético: após a fragmentação da espécie humana, ocorrida com o aparecimento das classes sociais, o problema crucial da humanidade passou a ser o de forjar uma nova comunidade, uma unidade superior dos indivíduos, na qual a riqueza individual das personalidades, longe de ser suprimida, se desenvolva em harmonia com a coletividade dos homens.

Para assumirem a iniciativa de mudar as coisas, os homens precisam acreditar positivamente em alguns valores

Segundo Goldmann, o anseio pela realização desse ideal estaria presente, sob diferentes formas, no cristianismo primitivo e nos pensadores iluministas mais avançados.

No filósofo alemão Imanuel Kant - atuou Goldmann - essa preocupação foi assumida num nível de reflexão muito mais elevado do que no passado. O primeiro livro publicado pelo crítico rumeno, em 1948, se intitulava "A comunidade humana e o universo em Kant". Existe uma edição brasileira lançada pela editora Paz e Terra em 1967 com o título de "Origem da dialética".

A personalidade de um indivíduo é um todo dinâmico que se forma e se transforma ao longo de toda a sua vida: sua visão particular do conjunto das coisas, dos outros homens e de si mesmo se insere no quadro mais amplo de outras totalidades, que se formaram antes do seu nascimento como indivíduo. Essas totalidades mais amplas são a da sua classe, a de seu povo e a das forças vivas que fazem a história do seu tempo.

De acordo com Goldmann, a estrutura interna das criações culturais, das grandes obras literárias e filosóficas, é expressão - tanto na forma como no conteúdo - de um encontro da consciência de uma pessoa com a consciência de um grupo humano historicamente significativo. As obras só podem ser efetivamente compreendidas quando enxergamos a relação delas, como totalidades, com as estruturas sociais e os grupos humanos cuja consciência elas ao mesmo tempo expressam e depuram (ou enriquecem).

Goldmann propôs um método para o exame sistemático da relação entre as grandes obras literárias e filosóficas e as estruturas sociais: o "estruturalismo genético".

O "estruturalismo genético" recusa a abordagem da obra de arte como "reflexo" da realidade, porque sustenta que a obra de arte reflete, não "a realidade", mas a compreensão alcançada por um determinado grupo humano (que está por trás da sensibilidade individual do artista). A cada classe social corresponde, na expressão lukácsiana usada por Goldmann, um "máximo de consciência possível". E são as grandes obras filosóficas e literárias que manifestam - e, ao manifestar, concretizam - esse "máximo de consciência possível".

Goldmann analisou esse "máximo de cons-

Em outubro deste ano, o teórico marxista romeno-francês Lucien Goldmann estará sendo lembrado com muita saudade por seus leitores e admiradores, por ocasião do vigésimo aniversário da sua morte. Este artigo

recorda a teoria goldmanniana da "aposta", bem como os conceitos de "máximo de consciência possível" e de "reformismo revolucionário", usados pelo pensador



ciência, possível" nos pensamentos de Pascal e nas tragédias de Racine, mostrando como as obras desses dois autores expressavam tanto a lucidez como as limitações de uma classe social - a "nobreza togada" - que desempenhava, na época, um papel muito importante na vida política e cultural da França (mas os representantes mais inteligentes e sensíveis da "nobreza togada" sabiam que a sociedade francesa estava mudando e o poder deles ia durar pouco; por isso, tinham uma "visão trágica" do mundo).

Em outros trabalhos, o nosso autor se debruçou sobre o "máximo de consciência possível" encontrado nos grandes romances da história moderna e contemporânea. Na sociedade burguesa, generaliza-se a produção de mercadorias, o mercado aparece como o destino "natural" de tudo que se produz, as criações dos homens assumem um determinado valor em dinheiro, são "quantificadas", a "qualidade" delas passa a ser secundária, os valores (quantitativos) entram todos em crise. O romancista, como artista, se revela contra essa situação. No plano dos seus sentimentos, das suas intuições, o romancista se revolta; e - inspirado em preocupações humanistas - passa a escrever sua obra em oposição a esse mundo degradado.

No entanto, o "humanismo" do romancista não consegue ser suficientemente concreto e preciso, porque, embora seja um revoltado, o escritor pertence ao mundo que está recusando: ele também participa da degradação que o incomoda e se sente confuso (não se apóia em valores nítidos, confiáveis).

Durante algum tempo, Goldmann - na trilha aberta por Lukács - entendeu que o romance era uma forma literária propícia ao "máximo de consciência possível" do "humanismo burguês" (isto é, do humanismo que não chega a superar os limites da consciência de classe da burguesia). Pouco a pouco, entretanto, o crítico romeno-francês passou a sustentar que o romance exprime valores que se acham implícitos no comportamento de todos os membros da sociedade capitalista, valores que não são defendidos por nenhum grupo humano em especial.

Entre o romance atual e a sociedade burguesa - afirmou - existe uma rigorosa "homologia de estruturas". A atividade das pessoas na vida cotidiana, no mercado capitalista, se liga diretamente à estrutura do romance, prescindindo da mediação constituída pela consciência de classe. A consciência de ser "sujeito" está desaparecendo na nossa existência cotidiana (somos, sem nos dar conta disso, manipulados como "consumidores") e, com isso, submetidos à "reificação" ("coisificação") imposta pelo mercado. Por essa razão, o romance que nos expressa mais adequadamente é um tipo de romance no qual a importância dos personagens e de suas escolhas (vida subjetiva) tende a diminuir.

Ao assumir essa posição, Goldmann se afastou das concepções de seu mestre Lukács. Enquanto o velho Lukács rejeitava a arte dita de "vanguarda" um tanto sumariamente, em bloco, Goldmann se empenhou em respeitar a riqueza e a diversidade do universo da arte de "vanguarda", na qual Lukács enxergava quase que somente formalismo e "decadência".

Goldmann tratou de distinguir duas "vanguardas" significativas: uma seria a "vanguarda da ausência", uma arte que denuncia implicitamente a impossibilidade de perceber valores universais aceitáveis, em nome dos quais a sociedade poderia ser criticada de modo mais concreto; a outra seria uma "vanguarda positiva", que conseguiria refundar os valores do humanismo. Para o nosso autor, contudo, essa "vanguarda positiva" ainda não produziu frutos comparáveis aos daquela que dá conta da "ausência". E ele escreveu: "Infelizmente, seria difícil contrapor aos escritos de Kafka, ao 'Estrangeiro' (de Camus), à 'Náusea' (de Sartre), às obras de Beckett, Ionesco, Adanov, Nathalie Sarraute e Robbe-Grillet uma criação literária de igual importância centrada sobre a presença dos valores humanistas e do devenir histórico."

Se com a busca dessa "vanguarda positiva" (ainda infrutífera), Goldmann se afastou dos caminhos propostos por Lukács, nem por isso ele passou a trilhar os caminhos indicados pelos teóricos da chamada "Escola de Frankfurt": Adorno, Horkheimer ou Marcuse. A ideia de uma "vanguarda positiva" nunca poderia ser admitida pelos "frankfurtianos". Adorno sustentava que a dialética só poderia ser "negativa", para não perder sua vitalidade implacavelmente crítica. Goldmann, porém, repelia essa unilateralidade.

Para o teórico romeno-francês, o compromisso maior da dialética era com a mudança,

Na sociedade burguesa, as criações dos homens assumem um determinado valor em dinheiro, a qualidade delas passa a ser secundária

com a transformação histórico-concreta da sociedade. Essa transformação não se faria automaticamente: dependia das iniciativas dos homens. E, para assumirem a iniciativa de mudar as coisas, os homens precisam acreditar positivamente - em algo, em alguns valores. Uma dialética exclusivamente negativa é um pensamento suspeito: pode estar encobrindo uma postura elitista, intransigentemente esnobista, sob a capa do "radicalismo". A alavanca do movimento histórico precisa de um ponto de apoio para mover a sociedade; não pode atuar por pura "negação".

Mas Goldmann advertia que o ponto de apoio "positivo" não poderia oferecer garantias de qualquer espécie. Os homens dispostos a agir para modificar a situação existente e para criar condições verdadeiramente novas teriam de correr o risco de lutar mesmo sabendo que podem sofrer derrotas graves.

Goldmann trouxe para o marxismo uma teoria de Blaise Pascal, pensador religioso do século dezessete. Pascal dizia que a razão não podia provar a existência de Deus, mas podia justificar uma "aposta" na existência d'Ele. Em termos marxistas, o nosso crítico afirmava: a razão não pode pretender nos assegurar que nós construiremos inexoravelmente a comunidade humana mais justa pela qual ansiamos, porém pode proporcionar bons fundamentos para nos "apostarmos" que a luta por ela vale a pena. Os marxistas, então, podem elaborar boas razões, não para assegurar que vencerão, mas para fundamentar a opção que fizeram, a aposta num mundo melhor.

Quem aposta pode perder. E para Goldmann - como escreveu o crítico Pierre Zima - "o fracasso da revolução e da dialética é sempre possível". Não há garantias. O que há, contudo, é a sólida convicção de que é melhor correr os riscos do engajamento do que capitular diante da força que mantém o quadro atual, o sistema vigente.

Goldmann queria contribuir para proporcionar os conhecimentos mais sólidos e os melhores argumentos para os homens empenhados na criação da sociedade nova, na aposta por um mundo novo. Durante os anos sessenta, ele deu aulas e fez pesquisas em Paris, Bruxelas e Bordeaux, discutindo problemas de filosofia e de sociologia da cultura; e também examinando as questões políticas da história contemporânea.

Com base nos estudos que vinham sendo realizados pelos sociólogos André Gorz e Serge Mallet, Goldmann se convenceu de que a mudança possível, nas condições históricas atuais, não tende a assumir a forma de uma ruptura brusca, como aquela que se verificou na revolução leninista, na Rússia de 1917. A transformação que pode, realmente, ser empreendida - segundo o nosso autor - seria mais ou menos gradual. E, para sermos capazes de promovê-la, devemos aprender a distinguir entre um "reformismo" que representa uma acomodação conformista ao sistema e um "reformismo" comprometido com a realização das reformas profundas e necessárias que farão avançar o processo "revolucionário".

Em outubro de 1970, Goldmann foi à Iugoslávia, onde teve ocasião de discutir com alguns amigos os problemas da sua proposta de um "reformismo revolucionário" e, na volta, sentiu-se mal. Foi internado às pressas num hospital, intoxicado, e morreu (ao que parece, de hepatite).

Daqui a poucos meses, estaremos completando vinte anos sem ele. E - devemos reconhecer - Lucien Goldmann está nos fazendo muita falta.